

1. A Espiritualidade Vicentina: uma espiritualidade missionária, sinodal e profética

Queremos viver a celebração do 400º aniversário da fundação da Congregação da Missão (2025) como uma ocasião privilegiada para revitalizar a nossa identidade missionária, sinodal e profética, seguindo o caminho traçado pela Igreja e assumido pela nossa 43ª Assembleia Geral (2022). Para isso, nada melhor do que começar refletindo sobre a espiritualidade que nos sustenta e nos identifica como herdeiros do carisma vicentino.



1. VER – um olhar contemplativo

Não é necessário voltar a uma definição rigorosa do que seja a espiritualidade vicentina. Sabemos que é um estilo de vida cristão que se inspira no caminho espiritual de São Vicente de Paulo. Um modo próprio de seguir Jesus Cristo, revestido de seu espírito de caridade para acompanhá-lo em sua missão de evangelizar os pobres e formar evangelizadores clérigos e leigos. É assim que o artigo 1º de nossas Constituições o resume com clareza cristalina. Este é, com efeito, o nosso caminho de santificação, a finalidade da nossa presença e ação na Igreja e no mundo, o nosso cartão de identidade.

Há, aliás, diferentes formas de interpretar a espiritualidade vicentina, enfatizando esta ou aquela dimensão que a caracteriza. No entanto, nenhuma interpretação pode desconsiderar o fundamento que lhe confere solidez evangélica, profundidade mística, relevância eclesial e vitalidade apostólica. Referimo-nos à identificação dinâmica com a pessoa de Jesus Cristo, contemplada no mistério da sua encarnação, considerada na sua dedicação incondicional ao Pai, seguida na sua dedicação generosa aos pobres e servida no menor dos seus irmãos. A propósito, perguntou São Vicente, *que amor podemos ter por Nosso Senhor se não amamos o que ele amou?* (SV X, 954-955).

Segundo o nosso fundador, sem a referência a Jesus Cristo, sem uma relação permanente com Ele, sem a vontade contínua e renovada de amar o que Ele amou, não pode haver caridade nem missão digna desses nomes. E o coração de Jesus transbordou de amor pelo Pai, cuja vontade foi o alimento da sua vida e o espelho das suas ações (cf. Jo 4,34; 5,19), e de amor pelos pobres, que reconheceu como enviado e com quem quis identificar-se radicalmente (cf. Lc 4,18; Mt 25,40). Precisamente assim, cheio de paixão pelo Pai e compaixão pelos pobres, Jesus de Nazaré confiou aos seus discípulos a continuação da sua obra salvífica (cf. Lc 10,1s; Mc 16,15). A espiritualidade

vicentina nos envolve diretamente na missão do Filho de Deus: *“Sim, nosso Senhor nos pede para evangelizar os pobres: é o que ele fez e o que quer continuar fazendo por nosso intermédio”* (SV XI-1, 386). Deste núcleo inalienável que é a própria pessoa de Jesus Cristo – que encontramos no Evangelho, na Eucaristia e nos Pobres – delineiam-se os elementos constitutivos da espiritualidade vicentina: a confiança na Providência, a busca e o cumprimento da vontade de Deus, a integração entre evangelização e serviço, a vida fraterna em comunidade, as virtudes que nos definem, a vivência dos conselhos evangélicos, etc.

2. JULGAR – um discernimento lúcido

Estabelecidos os fundamentos da espiritualidade missionária recebida de São Vicente de Paulo, podemos falar de sua profecia para a Igreja e para o mundo de hoje. E isso também pode ser feito de várias maneiras, desde que mantenhamos o vínculo com seu núcleo identificador descrito acima. Em geral, quando se fala da espiritualidade vicentina, destaca-se seu aspecto operacional, sua dimensão ativa ou prática, seu impulso para a ação. E não há dúvida de que esse aspecto é legítimo e essencial. No entanto, não é lícito isolá-lo de sua fonte, de sua fonte mística, de sua dimensão contemplativa, de sua referência fundacional. Fazê-lo seria desvirtuar o conteúdo da experiência que Vicente de Paulo nos transmitiu e estragar a herança que nos legou. A 43ª Assembléia Geral quis nos lembrar muito oportunamente que *“nossa vida espiritual integra e anima nossa comunidade e nossa atividade missionária, que são essenciais para nossa identidade vicentina. Portanto, nos comprometemos a ‘revestir-nos do espírito de Cristo’ e redescobrir a dimensão contemplativa de nossa espiritualidade vicentina, sempre nos esforçando para sermos fiéis à oração, aos votos e às virtudes vicentinas”*.

Uma visão meramente funcional, pragmática e voluntarista da espiritualidade vicentina se equivocaria num reducionismo, que atrofiaria seu potencial e não permitiria que irradiasse toda a inspiração que comporta, como se fosse uma espiritualidade de pura imanência. Neste caso, o máximo que poderíamos descobrir nela seria um ideal motivador para a práxis, mas não exatamente o seu substrato evangélico mais denso, o que ela possui de mais essencial e estimulante: um caminho de configuração com Cristo, enviado pelo Pai para evangelizar aos pobres; um apelo a uma autêntica experiência de Deus-Amor no coração da vida; uma resposta às preocupações mais profundas do ser humano; um caminho de santidade e escola de caridade ao mesmo tempo; um sopro místico capaz de sedimentar as virtudes e valores que enobrecem e qualificam nosso viver, conviver e agir; um horizonte de sentido que ilumina o caminho da existência com os raios da fé; uma esperança que se estende para além da história e nos abre ao promissor futuro da eternidade. Uma espiritualidade que pode nos alimentar, vivificar e encorajar em todas as fases e situações da vida, mesmo em meio às inevitáveis crises que nos ameaçam, bem como quando já nos faltam as forças necessárias para esforços e atividades mais intensos e extensos.

Num tempo como o nosso – marcado por graves desordens psicológicas e rupturas interpessoais, bem como fraturado por polarizações políticas, extremismos ideológicos, fundamentalismos religiosos e dissensões eclesiais – a relevância profética da espiritualidade vicentina revela-se no seu equilíbrio dinâmico, no seu potencial humanizador, na sua capacidade de harmonizar realidades que podem parecer distantes ou mesmo antagônicas, realidades que tocam de perto as principais dimensões da nossa vida (afetiva, ética, espiritual, apostólica, comunitária, intelectual, etc.), tais como: verdade e bem, contemplação e ação, consistência e flexibilidade, audácia e prudência, firmeza e suavidade, silêncio e palavra, confiança e prontidão, discernimento e decisão, anúncio do Evangelho e cuidado com a vida, espírito de fé e consciência crítica, profundidade e praticidade, realismo e esperança, humildade e magnanimidade, proximidade pessoal e mudança estrutural, seriedade e bom humor, etc. Com efeito, estes emparelhamentos assinalam traços marcantes do perfil humano de Vicente de Paulo, que se traduzem na sua forma equilibrada de viver e agir e que frequentemente se repetem nos conselhos e recomendações que dirige aos seus.

Vários ensinamentos de São Vicente explicitam o equilíbrio que caracteriza a espiritualidade com a qual ele enriqueceu a Igreja. Vale aqui a conhecida relação que ele estabelece (usando a intuição de São Francisco de Sales) entre o amor afetivo e o amor efetivo, ou seja, o amor unitivo ao Senhor e o amor oblato ao próximo necessitado, que, na realidade, é não é mais do que o mesmo e único amor, aprendido de Jesus Cristo (cf. Mc 12,29-31; Jo 10,17): *“Um coração que ama a Nosso Senhor não pode sofrer a sua ausência e deve unir-se a Ele por esse amor afetivo, que por sua vez produz o amor efetivo. Porque o primeiro não é suficiente; você tem que ter os dois. Devemos passar do amor afetivo ao amor efetivo, que consiste no exercício das obras de caridade, no serviço aos pobres empreendido com alegria, entusiasmo, perseverança e amor”* (SV IX-1, 534). A convicção de Vicente sobre a integração entre contemplação e ação situa-se na mesma linha, pois a primeira deve preceder a segunda como a seiva que a fortalece: *“A Igreja é como uma grande messe que exige trabalhadores, mas trabalhadores que trabalhem. Nada há de mais coerente com o Evangelho do que reunir, por um lado, luz e força para a alma na oração, na leitura e no retiro, e, por outro lado, partir depois para compartilhar esse alimento espiritual com os homens. Isso é fazer o que nosso Senhor fez e, depois dele, seus apóstolos”* (SV XI-4, 734). A insistência do fundador soa como uma paráfrase do Evangelho, que situa o seguimento de Jesus entre a montanha da intimidade com o Pai e a planície do contacto com as feridas e preocupações humanas (cf. Lc 6, 12-19). Recordemos também a recomendação de São Vicente sobre a relação entre a determinada lucidez que os princípios exigem e a criteriosa flexibilidade que as suas aplicações sugerem: *“Quando disse que era preciso ser inflexível no fim e moderado nos meios, expliquei o que devia ser a alma do bom governo; se um se faz sem o outro, tudo se perde”* (SV II, 302). E muitos outros exemplos reveladores da sabedoria do homem de discernimento que foi Vicente de Paulo poderiam ser citados...

3. AGIR – Um compromisso renovado

No panorama da sinodalidade a que nos convida o Papa Francisco, uma espiritualidade vicentina bem consolidada estimula as sínteses vitais de que tanto necessitamos para manter ou recuperar o equilíbrio humano, espiritual, relacional, missionário, eclesial e social de que tanto precisamos. Isso implica não se fechar em unilateralismos irremediáveis que impõem viseiras ideológicas e se engajam em polêmicas beligerantes, nem se perder em espiritismos de evasão ou em praxismos de mera conveniência, ambos igualmente nocivos. Os tempos atuais pedem uma espiritualidade integradora, de unidade dialética, capaz de harmonizar contemplação e compaixão, transcendência e solidariedade, libertação histórica e salvação eterna, tendo sempre Jesus Cristo como pedra angular. Finalmente, o discernimento que precede e acompanha uma espiritualidade vicentina equilibrada traduz-se numa vigilância serena e lúcida, orante e ativa, que sabe identificar, à luz da fé, a oportunidade que cada momento oferece e a postura que cada situação recomenda. De resto, as palavras do Papa dão-nos uma chave para compreender a profecia que irradia da espiritualidade vicentina: *“Evangelizadores com o Espírito significa evangelizadores que rezam e trabalham. Do ponto de vista da evangelização, não são inúteis as propostas místicas sem um forte compromisso social e missionário, nem os discursos e práxis sociais ou pastorais sem uma espiritualidade que transforma o coração”* (EG 262)

Para refletir:

1. **Pessoalmente:** em minha vida cotidiana, busco na espiritualidade vicentina o equilíbrio necessário para viver com consistência e entusiasmo minha vocação missionária?
2. **Em nível comunitário:** encorajamos entre nós uma assimilação mais profunda da nossa espiritualidade, através da oração, da meditação do Evangelho, da prática do discernimento, da experiência sacramental, do encontro com os pobres e de uma sólida formação?
3. **No nível provincial:** as prioridades que estabelecemos e os objetivos que perseguimos são inspirados por uma compreensão adequada e por uma aplicação adequada dos elementos constitutivos da espiritualidade vicentina?

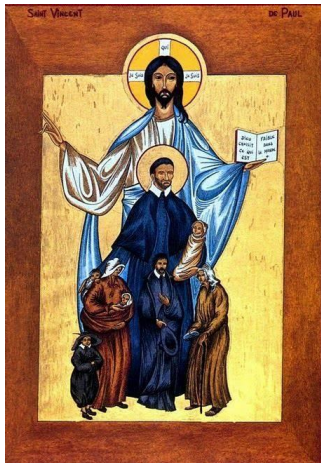
4. **Em todos os níveis:** Deixamo-nos inspirar e interpelar pela profecia da espiritualidade vicentina para uma experiência de fé mais radical, uma dedicação missionária mais generosa e uma comunhão fraterna e eclesial mais coerente?

Para concluir... **Bem-aventuranças dos Missionários Vicentinos**

1. Felizes os chamados a seguir Jesus Cristo, evangelizador dos pobres, porque, revestidos do seu espírito, anunciarão a sua mensagem e continuarão a sua obra de amor.
2. Felizes os que não perdem o sentido da presença de Deus e confiam na sua Providência, porque, no discernimento de cada dia, descobrirão e cumprirão a sua vontade.
3. Felizes os que se dedicam a evangelizar e servir os pobres, com palavras e obras, porque farão germinar as sementes do Reino no solo da história.
4. Felizes os que trabalham na formação de clérigos e leigos, despertando neles o desejo de santidade e a paixão missionária, porque ajudarão a Igreja a cumprir a sua missão.
5. Felizes os que procuram manter a harmonia entre a contemplação e a ação, porque viverão com autenticidade e entusiasmo a vocação recebida.
6. Felizes os simples, porque, amando a verdade, serão retos e transparentes no viver, no falar e no agir.
7. Felizes os humildes, porque, reconhecendo que todo bem vem de Deus, não buscarão a si mesmos e aprenderão a ser sempre mais generosos e disponíveis.
8. Felizes os mansos, porque, cultivando a serenidade e a constância, moderarão seus impulsos, tratarão a todos com cordialidade e estarão prontos para perdoar.
9. Felizes os mortificados, porque, abraçando a cruz, resistirão às adversidades, renovarão o vigor e perseverarão no bem que começaram até o fim.
10. Felizes os zelosos, porque, inflamados pela caridade, se entregarão com ardor e criatividade para o bem e a salvação do próximo.
11. Felizes os que se tornam castos para o Reino, porque, com o coração indiviso, poderão amar a Deus e aos irmãos com mais liberdade e tenacidade.
12. Felizes os que abraçam a pobreza, porque, encontrando em Deus a sua suprema riqueza e livres de apegos, serão solidários com os mais necessitados.
13. Felizes os que sabem obedecer com liberdade, porque, renunciando à auto-suficiência, acolherão juntos as inspirações e os impulsos do Espírito do Senhor.
14. Felizes os que levam uma vida fraterna em comunidade, porque, na comunhão e no diálogo, se apoiam na fidelidade e dão testemunho da caridade.
15. Finalmente, felizes aqueles que dedicam o pouco tempo de suas vidas a amar e servir no seguimento de Jesus, porque viverão eternamente com aquele que os escolheu e enviou.

2. A Espiritualidade Vicentina, uma espiritualidade missionária

1. VER – Um olhar contemplativo



No início deste itinerário formativo, tendo como horizonte os 400 anos da fundação da Congregação da Missão, somos convidados a abrir-nos às surpresas do Espírito do Senhor, deixando-nos iluminar e interpelar pela Palavra de Deus, pelo carisma vicentino e pelo ensinamento do Papa Francisco. Fazemo-lo movidos por um profundo espírito de fé, em vista de uma autêntica revitalização espiritual e missionária e através de um sincero esforço de conversão pessoal e comunitária. É assim que queremos responder ao que nos recomendou a última Assembleia Geral. Falar da espiritualidade vicentina como espiritualidade missionária significa voltar às nossas raízes mais profundas, ao coração pulsante da nossa identidade, ao núcleo das intuições suscitadas pelo Espírito no coração pulsante da

nossa identidade, ao núcleo das intuições suscitadas pelo Espírito no coração do nosso Fundador. Somos uma Congregação essencialmente missionária com clara orientação para as periferias existenciais e geográficas. É precisamente aí que se enraíza o caráter sinodal e profético da nossa vocação de seguidores de Jesus Cristo, evangelizador dos pobres.

2. JULGAR – um discernimento lúcido

a. À luz do Evangelho (Ler: Lc 5,1-11)

Os barcos pararam na margem do lago e os pescadores, desapontados por não terem apanhado nada, lavaram as redes rasgadas de tanto esforço. A noite tinha sido longa e dolorosa. É então que surge Jesus de Nazaré, do itinerário da sua missão pelos caminhos da Galileia, enviado pelo Pai para fazer da sua vida uma boa nova de esperança e salvação para os pobres (cf. Lc 4,18), preocupado em dirigir uma palavra de encorajamento à multidão que o cercava, sedenta de Deus e desejosa de respostas encorajadoras para os seus dramas e carências. O desânimo dos pescadores não o intimida. Jesus intui a reserva de bondade que se aninha em seus corações e consegue tirar generosidade da decepção, força da fraqueza, pedido da inércia. Do barco de Simão ele anuncia a palavra de Deus. Ele dá o exemplo para aqueles que se tornarão seus discípulos, ensinando-lhes que viver com sentido inclui a capacidade de se abrir aos outros como irmãos, de se doar, de fazer o bem às pessoas e de fazê-lo da melhor maneira possível.

Os pescadores desolados juntam-se à multidão para ouvir aquele homem de Deus que transborda de compaixão. Os olhos se enchem de brilho, os corações se fortalecem, o horizonte se alarga, algo novo se insinua. Na palavra de Jesus de Nazaré, eles ouvem a palavra de Deus. Na humanidade de Jesus há algo muito diferente e cativante, uma novidade que irradia. O Mestre pode então dizer-lhes: “Fazei-vos ao largo e lançai as redes para pescar” (v. 4). Como se dissesse: saia da superfície, saia das margens confortáveis onde você se encontra, deixe que o medo do fracasso dê lugar ao risco de novas tentativas, lance-se na aventura da fé. A resposta de Simão foi enfática: Trabalhamos a noite toda, fizemos tudo o que pudemos, gastamos todas as nossas forças, usamos toda a nossa criatividade... e não pegamos nada. Mas, em atenção à tua palavra, porque és tu, porque tu nos envias, vamos lançar as redes. Daqui começam a surgir os lampejos

de uma fé madura, aquela exigida pelo Reino, uma fé que se despoja da autossuficiência e se manifesta na confiança e na entrega total a quem chama (cf. Mt 21,25).

O resultado foi surpreendente. O prodígio da pesca abundante e generosa se concretizou, superando todas as expectativas, de tal forma que até as redes se partiram. Os pescadores tiveram que pedir ajuda aos companheiros do outro barco. A fartura de peixes era para todos. Por seu ato de fé, Simão (cujo nome significa aquele que escuta) é chamado pela primeira vez de Pedro, nome que lhe será dado mais tarde, como o primeiro entre os Doze, a designar sua missão de líder da comunidade. (cf. Lc 6,12-16; Mt 16,18). Como numa teofania (cf. Ex 19,16; 33,20), a pesca causava espanto e admiração, confirmando a fé no coração dos discípulos e dissipando o desânimo que antes ameaçava as suas esperanças e a sua vitalidade (cf. Mt 8,10; Jo 2,11). Simão toma consciência da sua pequenez perante a santidade de Jesus, agora chamado Senhor pela primeira vez (v. 8). Jesus, por sua vez, não se surpreende com a confissão de fraqueza de Simão. Não o afasta de si mesmo, nem se afasta dele. É bom que o discípulo-missionário perceba sua fragilidade e assuma sua condição de pecador. Isso o ajudará a amadurecer como pessoa e a torná-lo mais compreensivo e compassivo com os outros. A reação de Jesus confirma Simão Pedro: Não tenha medo. Eu estou com você e você estará comigo. Você é um pecador amado e feito capaz de amar. E, dessa lúcida e apaixonada experiência de fé, nasceu a decisão de seguir o Mestre, que, por sua vez, conferiu a Pedro e seus companheiros a missão de serem "pescadores de homens", associando-os a si para torná-los arautos do Reino, continuadores da sua obra salvífica (cf. Mt 10,1s; Lc 10,1s). E eles, conscientes de terem encontrado o tesouro do coração (cf. Lc 12,33), "puxaram os barcos para a terra e, deixando tudo, seguiram Jesus" (v. 11).

b. Nas pegadas de São Vicente

São Vicente de Paulo, homem plasmado pelo Evangelho, valeu-se pelo menos duas vezes deste episódio de Lucas para exortar e encorajar os seus Missionários a fazerem-se ao largo no oceano da caridade e da missão, da evangelização integral dos pobres, atenta à palavra do Mestre.

(1)

A primeira menção está em uma belíssima carta ao corajoso padre Carlos Nacquart, datada de 22 de março de 1648 (cf. SV III, 255-259), ano em que seria destinado a Madagascar, com pouco mais de 30 anos, acompanhado de outro missionário. Ali, naquele país distante e desconhecido, sua ardente caridade e seu vigoroso zelo apostólico produziram abundantes frutos e sua laboriosa existência se consumaria em menos de dois anos após sua chegada (29 de maio de 1650).

Depois de comunicar ao jovem sacerdote o destino da tão sonhada missão, São Vicente recorda a beleza e a dignidade da vocação missionária, convidando-o a acolher com fé humilde e audaciosa a graça que lhe foi concedida: *"Uma vocação tão grande e tão adorável! como a dos maiores apóstolos e santos da Igreja de Deus! Os desígnios eternos realizados no tempo em você! Só a humildade é capaz de suportar esta graça; o abandono perfeito de tudo o que você é e pode ser, com a confiança exuberante em seu soberano Criador. Ele precisa de uma fé tão grande quanto a de Abraão, a caridade de São Paulo, o zelo, a paciência, a deferência, a pobreza, a solicitude, a discricção, a integridade de costumes e um grande desejo de ser totalmente consumido por Deus"* (SV III, 256).

A seguir, o fundador fala sobre a realidade do país, os desafios da missão naquelas terras, os perigos da viagem marítima (que pode durar até mais de 6 meses) e o risco de influências externas na conduta dos Missionários (nomeadamente por aqueles que tinham interesses políticos e económicos na ilha e que iam embarcar no mesmo navio). Depois de enfatizar a importância do testemunho de amor a Deus por meio da oração, de integridade pessoal por meio da prática das virtudes e de caridade por meio do cuidado com aqueles que por acaso adoecerem

durante a cansativa viagem, São Vicente recomenda aos dois missionários retidão, discernimento e prudência em todas as suas relações e procedimentos: *“Ser fiel a Deus para nunca faltar aos seus interesses, sem nunca trair a consciência com qualquer consideração, mas procurando cuidadosamente que os interesses de Deus não sejam prejudicados devido a precipitação; ocupe bem o tempo e saiba esperar”* (SV III, 257).

No que diz respeito ao apostolado, São Vicente aconselha organização e planificação, disponibilidade e mobilidade, disciplina e paciência, mansidão e firmeza, etc. Sugere como ponto de partida uma respeitosa proximidade com quem vai ser evangelizado e na qual os missionários devem vislumbrar as condições dadas por Deus para o acolhimento da salvação (semina Verbi), condições que devem promover com sensibilidade e criatividade: *“O principal é que, depois de se esforçarem para conviver com as pessoas que devem tratar com cheiro de doçura e bom exemplo, procurem fazer com que aquelas pobres pessoas (...) compreendam as verdades da nossa fé, não apenas pelas razões sutis da teologia, mas pelo raciocínio extraído da natureza; há, pois, que começar por aí, tentando fazê-los entender que você está apenas desenvolvendo neles os sinais que Deus lhes deixou de si mesmo”* (SV III, 257).

Sendo a missão obra da Trindade, os Missionários devem ser homens de intensa vida interior, procurando intuir, na meditação e na oração quotidianas, o que o Espírito lhes inspira, de modo que a transmissão da fé seja significativa, relevante e eficaz: *“Por isso, será conveniente que você se dirija com frequência ao Pai das luzes, abandonando-se ao espírito de Deus, que fala nessas ocasiões. Se a sua divina bondade quiser dar-lhe a graça de cultivar a semente de cristãos que aí já existem e que convivem com essa boa gente na caridade cristã, não tenho dúvidas, longe disso, de que Nosso Senhor se servirá de vocês para preparar para a Companhia ali uma colheita abundante”* (SV III, 257-258).

Neste contexto – em que interagem graça e liberdade, exigindo confiança e disponibilidade dos enviados – Vicente faz ressoar o mandato de Jesus a quantos se tornarão também eles “pescadores de homens”, revestidos do espírito de Cristo para continuar a missão do Salvador: *“Vai, pois, Padre, e já que Deus te envia por meio de seus representantes na terra, lança com coragem as tuas redes”* (SV III, 258). No seguimento do Filho de Deus, o Missionário dos pobres toma consciência de que tudo recebeu das mãos do Pai e, por isso, não se esquia do compromisso de gastar a vida para os irmãos, comunicando-lhes o que há de melhor: a alegria do Evangelho, a mesma que lhe enche o coração e ilumina a sua vida.

(2)

A segunda alusão à perícopa lucana encontra-se no final de uma carta de São Vicente a outro missionário, padre António Fleury, destinado a Saintes. A carta é de 6 de novembro de 1658 (cf. SV VII, 292-294). Nela se manifesta a vigilância de Vicente de Paulo em acompanhar e guiar seus coirmão, alegrando-se com eles, confortando-os nas adversidades, advertindo-os dos perigos e estimulando-lhes o ardor missionário: *“Estou preocupado por não ter recebido nenhuma carta sua desde que você está em Saintes. Escrevo para saber do seu estado de saúde, como vão as missões aí, se o povo aproveita os seus exercícios e segue assíduo as suas instruções”* (SV VII, 292).

Em seguida, o fundador revela seu conhecimento sobre a história e estado atual daquela cidade, alertando Padre Fleury sobre as brechas da heresia entre os “pobres católicos”. E, com o seu habitual sentido de fé, tendo presente as exigências e os desafios da missão, recomenda: *“Devemos ter paciência e esperar que, pouco a pouco, a luz da fé dissipe todas as sombras e que Jesus Cristo seja o mestre das crenças e costumes desta pobre gente, que o espírito maligno tentou perverter por muitos anos”* (SV VII, 292). À necessária paciência, recomenda unir prontidão e zelo para secundar a ação de Deus e cooperar em seus amorosos desígnios de salvação, seguindo os passos de Cristo: *“también é preciso esperar, Padre, que sua grande misericórdia se servirá de você*

para isso, pois, segundo o modo ordinário da Providência, Deus quer salvar os homens por meio de outros homens, e Nosso Senhor se fez homem para nos salvar a todos” (SV VII, 292).

Como na carta anterior, também aqui Vicente evoca a graça imerecida da vocação, diante da qual nada resta ao Missionário senão o dom total de si mesmo para continuar a obra do Salvador com o ardor da caridade: *“Que felicidade para vós! Poder trabalhar no que ele mesmo fez! Ele veio para evangelizar os pobres, e essa é também a sua tarefa e a sua ocupação. Se a nossa perfeição se encontra na caridade, como é lógico, não há caridade maior do que entregar-se para salvar as almas e consumir-se como Jesus Cristo por elas. E para isso fostes chamados e a isso estais prontos a responder, graças a Deus” (SV VII, 292-293).*

Continuando, São Vicente menciona as tentações que poderiam afastar o Missionário de seu dinamismo apostólico: pensar que faria mais bem em outro lugar, deixando de lado ocasiões que surgem e omitindo-se em suas tarefas habituais; as frivolidades e vaidades, que o impediriam de participar da cruz de Cristo e encontrar sua realização somente nele; o excessivo apego à família, que não facilita uma resposta madura à vocação recebida do Senhor; o tédio por ter que fazer sempre as mesmas coisas e o desânimo por não produzirem os frutos desejados em seus labores apostólicos. Como remédio para este desânimo causado pela rotina, Vicente aconselha a perseverança convicta e renovada, pois *“só a perseverança é que merece a coroa e sem ela tudo se perde” (SV VII, 249)*, a mesma perseverança que permite ao missionário fazer bem e com amor tudo o que pode fazer por Deus e pelos irmãos.

No final da carta, encontramos a referência ao ícone bíblico que estamos contemplando. O santo fundador usa-o para confortar o Padre Fleury, convidando-o a manter total confiança, serenidade, força e ilusão, como bálsamos para a caridade missionária, especialmente em meio ao cansaço, hostilidades e fracassos. Testemunho extraordinário de uma fé viva e laboriosa: *“Tens de te convencer de que Deus só te pede que lances as redes ao mar, mas não que apanhes os peixes, porque cabe a Ele fazê-los entrar nas redes. E não duvides que o farás se, depois de pescar toda a noite, apesar das dificuldades dos negócios e do endurecimento dos corações, quase todos adormecidos para as coisas de Deus, esperares com paciência o dia que chegará, quando o sol da justiça os desperta e sua luz os ilumina e aquece. A este trabalho e a esta paciência deve-se acrescentar a humildade, a oração e o bom exemplo; então vereis a glória do Salvador” (SV VII, 294).*

A missão iluminada pela fé e dinamizada pela caridade de Cristo é o segredo da vida de Vicente de Paulo e dos seus Missionários, os de ontem e os de hoje, todos chamados a ser coerentes e entusiastas *“servidores do Evangelho” (SV V, 563)*.

3. AGIR – um compromisso renovado

A nossa espiritualidade missionária corresponde à feliz intuição do Papa Francisco ao referir-se à Igreja em saída que somos chamados a construir a partir da fidelidade ao nosso carisma. Quando assumida com convicção e paixão, a missão torna-se fonte de realização, vigor e alegria para nós: *“A vida cresce dando-a e enfraquece-se no isolamento e no conforto. Na verdade, quem mais gosta da vida é quem sai da segurança da praia e se apaixona pela missão de comunicar a vida aos outros. Quando a Igreja nos convoca à tarefa da evangelização, nada mais faz do que indicar aos cristãos o verdadeiro dinamismo da realização pessoal: “Aqui descobrimos outra lei profunda da realidade: que a vida se alcança e amadurece na medida em que se entrega para dar vida a outros. Essa é, em última análise, a missão. Portanto, um evangelizador não deve ter permanentemente uma face fúnebre. Recuperemos e aumentemos o fervor, 'a doce e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando temos que semear em lágrimas (...). E que o*

mundo de hoje — que ora busca com angústia, ora com esperança — possa receber a Boa Nova, não por meio de evangelizadores tristes e desanimados, impacientes ou ansiosos, mas por meio de ministros do Evangelho, cuja vida irradia o fervor daqueles que receberam, antes de tudo em si mesmos, a alegria de Cristo” (Evangelii Gaudium, n. 10).

A) **Onde estamos:** a maior parte da missão de Jesus acontece na periferia (Galiléia), fora do centro político e religioso (Jerusalém). Ao seu redor e em sua companhia estão os pobres, doentes e pecadores, cujos anseios ele procura conhecer para ajudá-los a viver com sentido, esperança e vigor. São Vicente estava convencido de que a identificação com Cristo, a assimilação de seus sentimentos, atitudes e critérios, deveria preceder e acompanhar a evangelização dos pobres, para que o anúncio e o testemunho fossem coerentes e eficazes. Ele queria que seus missionários estivessem ao lado dos realmente pobres, aqueles que carecem do essencial para cobrir suas necessidades vitais. Por isso, desde o início, muitos membros da Congregação foram enviados a lugares marcados pelo abandono espiritual e material, convidados a sair de si mesmos para alcançar as “periferias existenciais da vida”. Essa proximidade afetiva e efetiva, essa presença respeitosa e atenciosa deve gerar familiaridade, confiança recíproca e conhecimento da realidade em que vivem, sofrem e lutam os pobres. Pela força do carisma que recebemos, nossa orientação para os pobres é um valor permanente e incontornável.

→ Onde se materializa a nossa missão? De que lado estamos? Procuramos pensar, sentir e agir em comunhão com os pobres?

B) **Como estamos:** os barcos dos pescadores da Galileia estavam atracados e eles, desanimados pela ineficácia dos seus esforços, já tinham desistido da pesca. Tudo parecia ter sido em vão. Jesus vai ao encontro daqueles homens desanimados e os provoca com o seu exemplo e a sua palavra. Nas cartas de São Vicente encontramos várias tentativas de revitalização, sobretudo quando a caridade e a missão desafiavam e exigiam mais persistência, criatividade e entusiasmo por parte dos seus Missionários e outros colaboradores. Quando nossos esforços não produzem os resultados esperados, quando nossos esforços não são reconhecidos, quando não alcançamos resultados satisfatórios e não conquistamos apoio sincero, a saída é não cruzar os braços, desistir. Pelo contrário, precisamos amadurecer na confiança, na paciência e na perseverança.

→ Nossos barcos também estão parados? Quantas noites, fracassos e decepções nos cansam e desanimam? Estamos convencidos de que o Senhor conta conosco, que nossa missão é obra de Deus, uma extensão da missão de Jesus Cristo? Reservamos momentos de silêncio orante para escutar o Senhor, para aprender com a sua vida doada, para deixar que a sua Palavra nos encante e provoque, iluminando o nosso caminho e promovendo as nossas iniciativas?

C) **O que devemos fazer:** O apelo de Jesus revela que, se a comunidade quiser pescar bons peixes, terá de sair das margens e aventurar-se em águas mais profundas. A tarefa pode ser mais exigente e arriscada, mas o resultado tende a ser mais promissor. Não existe doação sem risco, como garante São Vicente. Muitas vezes, estamos cansados e desiludidos porque fazemos tudo do mesmo jeito, repetindo velhos esquemas, ficando no limite, com medo de correr riscos, de sair de nossas zonas de conforto e segurança. A missão iluminada pela fé e dinamizada pela caridade é sempre nova, porque o amor é criativo e sempre descobre novas possibilidades.

→ Que superfícies temos que deixar? Em que devemos avançar para aprofundar nossa experiência de Deus, fortalecer os laços de fraternidade entre nós e qualificar nossa ação evangelizadora junto aos pobres? Somos capazes de relativizar os nossos esquemas e pretensões para nos deixarmos surpreender e guiar por Deus?

- D) **Partilha da missão:** depois de fartas pescarias, os discípulos tiveram que pedir a ajuda de pescadores de outro barco. São Vicente queria que seus Missionários caminhassem unidos entre si e com outros colaboradores (leigos, Filhas da Caridade, sacerdotes, etc.). Desde suas origens, a missão vicentina tem sido uma missão compartilhada. Hoje, mais do que nunca, os leigos ocupam um lugar fundamental e indispensável na vivência do nosso carisma missionário. Juntos, em fraterna colaboração, podemos tornar a caridade mais inventiva e a missão mais eficaz.
→ Fazemos um esforço real para compartilhar nossa missão, rezando e discernindo juntos, trabalhando em equipe, partilhando as lutas, os sucessos e os fracassos?
- E) **A missão nasce de uma profunda experiência de fé,** do encontro com o Senhor que nos chama a viver e testemunhar a alegria do Evangelho. Nada mais frequente nos escritos de São Vicente do que esta extraordinária visão de fé sobre o mistério da nossa vocação. Antes de trabalhar com a Palavra, o Missionário precisa deixar-se trabalhar pela Palavra. Ele é o primeiro ouvinte da mensagem que transmite. Só assim a sua perseverança não dependerá da sua satisfação pessoal ou do seu bem-estar. Permanecemos na Missão não porque tudo esteja tranquilo e confortável, mas porque o Senhor nos enviou e porque os irmãos precisam e esperam a Palavra que anunciamos e que nos move a promover um mundo mais humano e fraterno. A alegria do missionário vem da sua vontade de amar e servir, de fazer a vontade de Deus e de fazer o bem aos irmãos.
→ A experiência de fé nos ajuda a rever os passos dados e endireitar caminhos? Torna-nos mais confiantes, serenos, generosos e resilientes? Ilumina o horizonte da nossa caminhada, indicando a meta primeira do amor partilhado e a meta final do Reino definitivo?

Rezemos...

Deus da vida e do amor,
nós vos louvamos e agradecemos,
porque nos chamais a seguir o vosso Filho Jesus Cristo,
nas pegadas de São Vicente de Paulo.

Conheceis o nosso interior
e vedes o bem de que somos capazes,
fazei-nos descobrir o sentido da nossa vocação
no ardor da caridade e da missão,
como amigos solidários dos pobres,
artífices da justiça e da paz.

Vós, Senhor, sois a alegria de nossa juventude,
tornai-nos fecundos na oração,
criativos no serviço e ousados nos propósitos,
missionários da tua caridade,
vicentinos felizes, livres e comprometidos
no caminho do vosso Reino.

Amém.

3. A Espiritualidade Vicentina, uma espiritualidade sinodal



1. VER – um olhar contemplativo

Vivemos um tempo particularmente intenso e fecundo na Igreja desde que o Papa Francisco nos convocou a trilhar o caminho da sinodalidade. Um tempo de revisão de vida, de discernimento orante e de profunda revitalização, que nos situa no marco do Concílio Vaticano II. E isto com o objetivo de estimular e consolidar a comunhão, a participação e a missão entre todos nós que formamos o povo de Deus, chamados a viver e testemunhar a fé recebida no Batismo para colaborar na construção de um mundo que reflita os valores do Reino. Como recorda o Papa, *“somos chamados à unidade, à comunhão, à fraternidade que nasce do sentir-nos abraçados pelo amor divino (...). Caminhamos juntos como o único povo de Deus, para experimentar uma Igreja que acolhe e vive o dom da unidade, e que se abre à voz do Espírito” (Momento de reflexão para o início do processo sinodal. 9 de outubro de 2021).*

O método proposto pelo Pontífice não poderia ser outro senão a escuta atenta e respeitosa de todos os membros da Igreja e a atenção aos desejos e preocupações dos nossos contemporâneos para avançarmos juntos na direção indicada pelo Espírito do Senhor, o verdadeiro protagonista deste processo: *“Reitero que o Sínodo não é um parlamento, que o Sínodo não é uma sondagem de opiniões; o Sínodo é um momento eclesial, e o protagonista do Sínodo é o Espírito Santo. Se não houver o Espírito, não haverá Sínodo” (ibid.).*

Sempre em busca da unidade na pluralidade, todos nos sentimos envolvidos neste caminho sinodal, dispostos a colaborar para que a Igreja manifeste a sua identidade como ícone da comunhão trinitária, sacramento do Reino de Deus e servidora devota da humanidade neste mundo marcado por tantos desafios e contradições, avanços e retrocessos. Ninguém, portanto, pode ficar de fora dessa tarefa comum. *“Se não se cultivar uma práxis eclesial que expresse a sinodalidade de maneira concreta em cada passo do caminho e da ação, promovendo o envolvimento real de cada um e de todos, comunhão e missão correm o risco de permanecer termos um tanto abstratos”. (ibid.).*

Como membros da Congregação da Missão, como nos posicionamos neste itinerário sinodal? Qual é a contribuição que podemos oferecer à Igreja a partir da peculiaridade do nosso carisma missionário? E como o espírito de sinodalidade afeta nossa vida pessoal, comunitária, provincial e Congregacional? Que a Palavra de Deus e a experiência de São Vicente nos ajudem a caminhar firmemente nessa direção.

2. JULGAR – um discernimento lúcido

a) À luz da Palavra (1er: Rm 12,1-13)

Exercitando-nos na arte do discernimento e preparando-nos à conversão sincera e à renovação profunda, somos convidados a escutar-nos e à colaboração efetiva para promover a missão da Igreja diante das legítimas esperanças do mundo contemporâneo, animados pela caridade que nos identifica como membros do corpo de Cristo. Como nos orienta o Papa Francisco, *“no corpo eclesial, o único ponto de partida, e não pode ser outro, é o Batismo, nossa fonte de vida, da qual deriva uma idêntica dignidade de filhos de Deus, mesmo na diferença de ministérios e carismas. Por isso, todos somos chamados a participar da vida e da missão da Igreja. Se faltar a participação real de todo o povo de Deus, os discursos sobre a comunhão correm o risco de permanecer piedosas intenções”* (ibid.). A eficácia do nosso compromisso eclesial e da nossa ação pastoral está, portanto, intimamente relacionada com a redescoberta do Batismo como o sacramento primordial que fundamenta a nossa dignidade comum e legítima a diversidade de vocações, carismas e ministérios que dinamizam a vida do Povo de Deus (cf. 1Cor 12,12-30). Só assim poderemos colaborar na construção de uma Igreja missionária, sinodal e profética, descentrada de si mesma, toda ela ministerial, que se nutre da comunhão e da participação dos seus membros e se reconhece servidora peregrina da humanidade, devotada compassivamente aos pobres. Uma Igreja que *“contempla e imita a vida da Santíssima Trindade, mistério de comunhão ad intra e fonte de missão ad extra”* (Papa Francisco. Ibid.).

b) À luz do carisma vicentino

Todo carisma tem uma orientação marcadamente eclesial. Nasce da percepção das necessidades da Igreja localizada no mundo. O Espírito deu a São Vicente de Paulo uma capacidade especial para ler os sinais dos tempos e interpretá-los à luz da fé, de modo que pudesse intuir e tornar visível o desígnio de Deus nas circunstâncias específicas em que foi tocado. A Congregação da Missão procura responder às situações e exigências do nosso tempo com a lucidez e o vigor do carisma que lhe foi comunicado pelo Espírito através do seu Fundador, atualizando a missão de Jesus Cristo e tornando visível o pedido da Igreja voltada para os pobres, em estado de conversão permanente. *“Assumindo o seu fim, a Congregação da Missão, sempre atenta ao Evangelho, aos sinais dos tempos e às solicitações mais urgentes da Igreja, procurará abrir novos caminhos e aplicar meios adaptados às circunstâncias do tempo e lugar, também se empenhará em julgar e ordenar as obras e ministérios, permanecendo assim em estado de contínua renovação”* (CC 2).

As mesmas Constituições afirmam que, *“como a Igreja e na Igreja, a Congregação descobre na Trindade o princípio supremo de sua ação e de sua vida”* (n. 20). Isto implica identificar-se com a missão da Igreja e agir em comunhão com ela. Não foi, então, sem razão que São Vicente insistiu que seus missionários estivessem imbuídos de um profundo sentido eclesial, manifestado no amor à Igreja, na participação efetiva na sua missão e no cuidado dos seus legítimos pastores. O amor de Vicente de Paulo pela Igreja traduziu-se de muitas maneiras, sobretudo no seu empenho pela reforma das estruturas eclesiais, na sua vigorosa oposição a todas as formas de corrupção e abuso, no seu forte apelo à pastoral dos mais abandonados, na sua inteligente dedicação à formação integral do clero, no esforço de envolver os leigos (especialmente as mulheres) no serviço da caridade, etc. Todo este titânico empenho eclesial se reflete nas suas lúcidas observações sobre as urgências da Igreja do seu tempo: *“O que a Igreja necessita é de pessoas evangélicas, que se esforcem por purificá-la, iluminá-la e uni-la ao seu divino esposo”* (SV III, 181). E isto porque

“a Igreja é como uma grande messe que requer operários, mas operários que trabalhem. Nada há de mais coerente com o Evangelho do que reunir, por um lado, luz e força para a alma na oração, na leitura e no retiro, e, por outro lado, tornar depois as pessoas partícipes desse alimento espiritual. Isso é fazer o que nosso Senhor fez e, depois dele, seus apóstolos (...). Isto é o que devemos fazer e a forma como devemos mostrar a Deus com as obras que o amamos” (SV XI-4, 734).

Assim, São Vicente pôde alegrar-se ao ver a obra que o Espírito realiza na Igreja, contando com a colaboração daqueles que se colocam em suas mãos como dóceis instrumentos de sua ação em favor dos menos favorecidos: *“Que felicidade para nós, Missionários, podermos demonstrar que o Espírito Santo guia a sua Igreja, trabalhando como nós pela instrução e santificação dos pobres!”* (SV XI-4, 730).

3. AGIR – um compromisso renovado

Em sua reflexão para o início do processo sinodal, o Papa Francisco falou de três riscos que podem ameaçar a oportunidade que o Sínodo nos oferece para uma conversão pastoral em chave missionária. Vejamos como esses riscos afetam a vida de nossa Congregação a partir de nossas realidades concretas. Com efeito, não se trata de considerar os riscos olhando apenas para fora. Consideremos como esses riscos se manifestam em nós mesmos, em nossas Comunidades e Províncias. Um senso crítico desprovido de autocritica não pode ser autêntico nem fecundo.

a) Formalismo

“Um Sínodo pode ser reduzido a um acontecimento extraordinário, mas de fachada (...). Ao contrário, o Sínodo é um itinerário de eficaz discernimento espiritual, onde não nos comprometemos a dar uma bela imagem de nós mesmos, mas a colaborar melhor com a obra de Deus na história”.

→ Em tudo o que se refere à nossa vida e missão, contentamo-nos em projetar uma boa aparência ou manter uma boa reputação (pessoal, comunitária, institucional, etc.)? Em nossos ministérios, basta cumprirmos a agenda ou atendermos pontualmente ao que está prescrito? Como anda a vitalidade espiritual e missionária que deve inspirar nossa conduta pessoal, nossa convivência fraterna, nossa conversão pastoral e nosso dinamismo apostólico?

“Às vezes há um certo elitismo na ordem presbiteral que a separa dos leigos; e o padre no final se torna o 'dono do comando' e não o pastor de toda uma Igreja que segue em frente. Isso nos obriga a transformar certas visões verticalistas, distorcidas e parciais da Igreja, do ministério sacerdotal, do papel dos leigos, das responsabilidades eclesiais, dos papéis do governo, entre outros”.

→ Desenvolvemos uma compreensão adequada do mistério e da missão da Igreja, à luz do Vaticano II? A nossa visão eclesiológica assenta na noção conciliar de povo de Deus, dentro da qual todos temos a mesma dignidade na legítima diversidade de vocações, carismas e ministérios? Entendemos o ministério ordenado como o que realmente é: o sacramento da caridade solícita do Bom Pastor? Reconhecemos e encorajamos o protagonismo dos leigos na Igreja e na sociedade? Partilhamos as decisões e responsabilidades que cabem a todos ou limitamo-nos a partilhar o peso das tarefas?

b) O Intelectualismo ou a abstração

“A realidade vai por um lado e nós com nossas reflexões por outro, convertendo o Sínodo numa espécie de grupo de estudo, com intervenções educadas mas abstratas sobre os problemas da Igreja e os males do mundo; uma espécie de 'falar por falar', onde se age de forma superficial e mundana, acabando por recair nas habituais e estéreis classificações ideológicas e partidárias, e afastando-se da realidade do santo povo de Deus e da vida concreta das comunidades espalhadas pelo mundo”.

→ Como nos posicionamos diante das realidades que nos cercam, especialmente aquelas que afetam de perto os mais pobres e o momento atual da Igreja, da Congregação e da Província? Cedemos à tentação do pessimismo fatalista? Refugiamo-nos em otimismo de mera comodidade, que nos mantém nas nossas zonas de conforto? Ou nutrimos um realismo iluminado pela fé e carregado de esperança, que sabe reconhecer os fracassos, não transige com as incoerências, aponta novos horizontes e abre novos caminhos? Sabemos evitar o unilateralismo e acolher a riqueza do diferente?

c) Imobilidade

“É melhor não mudar, porque 'sempre foi assim' (EG 33). Esta palavra é um veneno na vida da Igreja. Quem se move nesse horizonte, mesmo sem perceber, cai no erro de não levar a sério o tempo em que vivemos. O risco é que, no final, velhas soluções sejam adotadas para novos problemas; um pedaço de pano novo que por consequência provoca uma ruptura maior (cf. Mt 9,16). Por isso é importante que o caminho sinodal seja verdadeiramente sinodal, que seja um processo contínuo; que envolva — em várias fases e começando de baixo — as Igrejas locais,

num trabalho apaixonado e encarnado, que imprima um estilo de comunhão e participação marcado pela missão”.

→ Somos a favor do “sempre foi assim”? Assumimos o discernimento pessoal e comunitário como critério para as nossas decisões e opções ou preferimos viver na mais cômoda superficialidade, deixando-nos arrastar pelas tendências e conveniências? Nos limitamos a discursos e discussões ou nos engajamos em posições coerentes e ações criativas?

O Papa também fala de três oportunidades que caracterizam este tempo de graça, chamando-nos a ser: **uma Igreja estruturalmente sinodal**, *“onde todos se sintam em casa e possam participar”*; **uma Igreja que escuta**, que *está pronta para “escutar o Espírito na adoração e na oração”, assim como para “escutar os irmãos e as irmãs sobre as esperanças e crises de fé em várias partes do mundo, as urgências de renovação da vida pastoral e os sinais que vêm das realidades locais”*; **uma Igreja de proximidade**, com atitudes de compaixão e ternura, ou seja, *“uma Igreja que não se separa da vida, mas se encarrega das fragilidades e da pobreza do nosso tempo, curando as feridas e os corações partidos com o bálsamo de Deus”*.

→ Não vemos aqui um projeto de vida e missão para nós, neste quarto centenário de fundação de nossa Congregação?

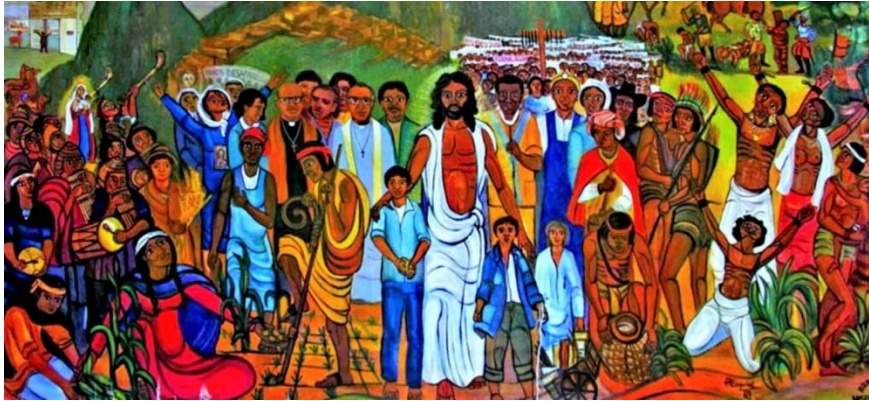
Rezemos com o Papa Francisco...

*Vinde, Espírito Santo,
Tu que suscitais novas linguagens
e pões nos nossos lábios palavras de vida,
salva-nos de nos tornarmos uma Igreja-museu,
bela mas muda, com um longo passado e pouco futuro.*

*Vinde entre nós,
para que na experiência sinodal
não nos deixemos abater pela desilusão,
não diluamos a profecia,
não acabemos por reduzir tudo a discussões estéreis.*

*Vinde, Espírito Santo de amor,
preparai os nossos corações para a escuta.
Vinde, Espírito de Santidade,
renovai o santo e fiel Povo de Deus.
Vem, Espírito Criador,
renova a face da terra.
Amém.*

4. A Espiritualidade Vicentina, uma espiritualidade profética



1. VER – um olhar contemplativo

A sinodalidade coloca a questão da relação entre memória, testemunho e profecia, como chaves para a autocompreensão da Igreja. De fato, como memória viva do Evangelho, a Igreja testemunha o amor do Pai que se revela em Jesus Cristo e age mediante o dinamismo do Espírito. A sua profecia nasce precisamente daquilo que ela é no seu mistério: ícone da Trindade, sacramento do Reino, sinal e instrumento de salvação para toda a humanidade. Esta profecia se reflete em sua identidade como Povo peregrino de Deus, no qual todos os batizados têm a mesma dignidade e são igualmente chamados à santidade na diversidade de vocações, carismas e ministérios. Tal profecia verifica-se na sua missão evangelizadora, anunciando as insondáveis riquezas de Cristo para promover e defender a vida de todos, com particular atenção aos mais pobres. Exercendo esta multifacetada profecia, nos mais diversos contextos onde se realiza a missão da Igreja, muitos deram a vida com Cristo e como Cristo, dando a maior prova de amor aos irmãos, movidos pela fé que professavam. Os mártires são a expressão mais forte da profecia da Igreja sinodal. A profecia da Igreja ainda se manifesta no seu esforço permanente de conversão, como recordou o Vaticano II ao falar da "ecclesia semper reformanda" que "*progride continuamente no caminho da penitência e da renovação*" (LG 8). E isto tendo em vista uma crescente comunhão entre os seus membros e de sua missão ao serviço da humanidade.

Como célula viva da Igreja, a Congregação da Missão se entende também como memória, testemunho e profecia. E o faz a partir do ponto específico de sua própria graça que lhe foi concedida pelo Espírito: o carisma vicentino. Assim, a Congregação é chamada a ser, no seio da Igreja, memória viva da predileção de Deus pelos pobres, prolongando a missão salvífica de Jesus Cristo na força do Espírito. Como testemunhas da caridade missionária do Filho de Deus e revestidos do seu espírito, os presbíteros e os Irmãos da Missão empenham-se decididamente na evangelização e no serviço aos pobres e na formação do clero e dos leigos, através de uma enorme multiplicidade de iniciativas, ministérios e obras. A identidade da Congregação é radicalmente querigmática e diaconal, precisamente porque está radicada no Evangelho e orientada para a caridade. Assim o testemunham aqueles que deixaram marcas indelévels no caminho de santidade a que somos chamados a percorrer, especialmente os nossos coirmãos mártires. Quanto mais se penetra em sua identidade missionária e assume a sinodalidade como inspiração para seu estilo de vida e suas ações, mais a Congregação se torna uma profecia para a Igreja e para o mundo. Assim, a profecia não se confunde com uma estratégia, um discurso ou uma ideologia, mas é o transbordamento de uma identidade carismática historicamente encarnada, sob o impulso de uma vocação aceita na fé.

Para se tornar profecia, tanto a Igreja como a Congregação precisam deixar-se guiar pelo Espírito do Senhor e preparar-se para a conversão e a reforma, sem a qual todo esforço de revisão e revitalização carece de profundidade e consistência. A última Assembleia Geral quis encorajar-nos nesta perspectiva, convidando-nos a *“colocar o nosso frágil barro nas mãos do Oleiro (cf. Is 64,8), a acolher formas criativas de viver o nosso carisma e a viver um ‘novo Pentecostes’ para que em nós brilhem os sinais tangíveis do Reino. Em meio às incertezas dos tempos, somos desafiados a percorrer um ‘caminho de conversão e purificação’ que ajude a redescobrir o fundamento e a identidade do próprio chamado, sem nos deixarmos levar pelo pessimismo ou pela estressante frustração de quem se sente impotente e se prepara para o pior”*. Assim, os membros e as estruturas da Congregação são verdadeiramente chamados a acolher a graça e assumir o desafio da sinodalidade como caminho de revisão e renovação para tornar-se uma promissora profecia do Reino para a Igreja e para o mundo.

2. JULGAR – um discernimento lúcido

a) À luz da Palavra (ler: Lc 7,11-17)

A profecia de Jesus de Nazaré irradia-se pela qualidade da sua presença, da sua dedicação generosa ao próximo, da sua proximidade misericordiosa e dos seus gestos e palavras capazes de comunicar vida, esperança e salvação a quem desfalece.

b) À luz do carisma vicentino

São Vicente estava convencido de que a primeira forma de profecia é a fidelidade à vocação recebida. Disse-o expressamente em muitas ocasiões, com palavras encorajadoras e estimulantes, como na conclusão da famosa conferência sobre a finalidade da Congregação da Missão, em 6 de dezembro de 1658:

“Entreguemo-nos a Deus, irmãos, para que nos conceda a graça de permanecer firmes. Sejamos firmes, meus irmãos, sejamos firmes, pelo amor de Deus; ele será fiel às suas promessas e nunca nos abandonará, enquanto nós estivermos sujeitos a ele para o cumprimento de seus desígnios. Permanecemos firmes no âmbito de nossa vocação; esforcemo-nos por ter vida interior, por conceber grandes e santos ideais para o serviço de Deus; façamos o bem que se nos apresenta da maneira que dissemos. Não digo que devemos chegar ao infinito e abraçar tudo com indiferença, mas sim tudo o que Deus nos dê a conhecer que pede de nós. Somos para Ele e não para nós; se Ele aumenta nosso trabalho, também aumentará nossa força. Ó Salvador! Que felicidade! Ó Salvador! Se houvesse vários paraísos, a quem os darias senão a um missionário que se manteve reverentemente em todas as obras que lhe confiaste e que não sucumbiu às obrigações do seu estado? É o que esperamos, meus irmãos, e o que pediremos a Sua divina Majestade; e todos nós, neste momento, daremos infinitas graças por nos ter chamado e escolhido para funções tão santas e santificadas pelo próprio Senhor, que foi o primeiro a exercê-las. Oh! Quantas graças temos motivos para esperar, se as praticarmos com o mesmo espírito, para a glória de seu Pai e para a salvação das almas! (SV XI-3, 398).

Concentremo-nos em três dos artigos das Constituições que tratam da atividade apostólica da Congregação e procuremos nos inspirar para revitalizar a dimensão profética de nossa espiritualidade.

10.— A Congregação da Missão, desde os tempos do Fundador e por sua inspiração, reconhece-se chamada por Deus a realizar a obra de evangelização dos pobres. Por especial razão, com toda a Igreja, pode afirmar de si mesma, como toda a Igreja, que o múnus de

vangelizar deve ser tido como sua vocação e graça própria, além de exprimir sua verdadeira índole (cf. EN 14). Por isso, todos e cada um dos seus membros ousam dizer como Jesus: “è preciso que eu anuncie a]boa nova do reino de Deus... pois para isto fui enviado” (Lc 4,43).

11.— A caridade de Cristo quando se compadece da multidão (cf. Mc 8,2) é a fonte de toda a nossa atividade apostólica. Ela nos impele, segundo as palavras de São Vicente, “a tornar o Evangelho realmente efetivo” (SV VII, 84)). No entanto, nas diversas circunstâncias de tempo e lugar, a nossa evangelização deve esforçar-se, por palavras e obras, para que todos, por sua conversão e pela celebração dos sacramentos, dêem sua adesão “ao Reino, isto é, ao mundo novo, ao ovo estado de coisas, ao novo encminhamento da existência, ao novo modo de vida, e mesmo de vida em comum, que o Evangelho inaugura” (EN 23).

12.— Na obra de evangelização que a Congregação visa efetuar, tenham-se em vista estas notas: 1ª. Preferência clara e expressa pelo apostolado entre os pobres. Com efeito, a evangelização deles é sinal de que o Reino de Deus na terra se aproxima (cf. Mt 11,5); 2ª. Atenção para à realidade da sociedade humana, mas sobretudo para as causas da desigualdade da distribuição dos bens no mundo, para desempenharmos melhor o múnus profético de evangelizar; 3ª. Alguma participação na condição dos pobres, de modo que não só os evangelizemos, mas também sejamos evangelizados por eles; 4ª. Verdadeiro sentido comunitário nos trabalhos apostólicos, de maneira a nos confirmarmos mutuamente na vocação comum; 5ª. Disponibilidade para irmos ao mundo inteiro, a exemplo dos primeiros missionários da Congregação; 6ª. Estado de contínua busca de conversão, que por parte de cada membro, quer por parte de toda a Congregação, segundo São Paulo que adverte: “Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-vos pela renovação do vosso espírito” (Rom 12.2).

3. AGIR – um compromisso renovado

Iluminado pelo Evangelho e pela tradição vicentina...

- Como podemos encarnar a profecia da nossa espiritualidade missionária?
- Exercemos a profecia em seu duplo aspecto: ad intra (revisão de vida, revitalização espiritual, conversão pessoal e comunitária, mudança de ênfase, correção de rotas institucionais, etc.) e ad extra (revisão de obras, revitalização missionária, conversão ministério, criatividade ministerial, novas fronteiras apostólicas, etc.)?
- A partir das realidades sociais e eclesiais em que nos encontramos, como se manifesta a profecia querigmática e diaconal da nossa presença missionária?

Rezemos com o Papa Francisco...

Virgem e Mãe Maria,
tu que, movida pelo Espírito,
acolheste o Verbo da vida no fundo da tua humilde fé,
totalmente entregue ao Eterno,
ajuda-nos a dizer o nosso "sim"
perante a urgência, mais imperativa do que sempre,
para fazer ressoar a Boa Nova de Jesus.

Tu, cheia da presença de Cristo,
trouxeste alegria a João Batista,
fazendo-o exultar no ventre de sua mãe.
Tu, abalada de alegria, cantaste as maravilhas do Senhor.

Tu, que foste plantada diante da cruz com fé inabalável
e recebeste a jubilosa consolação da ressurreição,
reuniste os discípulos à espera do Espírito
para que nascesse a Igreja evangelizadora.
Obtém-nos agora um novo ardor de ressuscitado
para levar a todos o Evangelho da vida que vence a morte.
Dá-nos a santa audácia de buscar novos caminhos
para que chegue a todos o dom da beleza que não se esvai.

Tu, Virgem da escuta e da contemplação,
mãe do amor, esposa das núpcias eternas,
intercede pela Igreja, da qual és o ícone puríssimo,
para que ela nunca se cale
nem se detenha na sua paixão por instaurar o Reino.

Estrela da nova evangelização,
ajuda-nos a brilhar no testemunho da comunhão,
do serviço, da fé ardente e generosa, da justiça
e do amor aos pobres,
para que a alegria do Evangelho
chegue até os confins da terra
e nenhuma periferia seja privada de sua luz.

Mãe do Evangelho vivo,
fonte de alegria para os pequeninos, rogai por nós.
Amém. Aleluia. [EG, n. 288)

5. Espiritualidade Vicentina: espiritualidade comunitária para a Missão

Na Congregação da Missão, segundo o testemunho de São Vicente, somos chamados a viver em comunidade o estado de missão e caridade, segundo o exemplo de Cristo, regra da Missão. Por ocasião do 4º. Centenário da Fundação da Congregação, a tão desejada revitalização espiritual de coirmãos, comunidades e trabalhos apostólicos requer e abrande a revitalização da espiritualidade e vivência da vida comunitária vicentina.



1. Ver - um olhar contemplativo

O cotidiano comunitário da missão em comunidade é duro e exigente. Hoje vemos o desencanto de muitos coirmãos com a vida comunitária e muitos vão buscar fora o que não encontram na comunidade. Há coirmãos que não acreditam mais na missão em comunidade, pedem dispensa, estão fora da comunidade regular ou irregularmente, ou passam para o clero diocesano. É comum encontrar comunidades onde as pessoas não se entendem, cada um faz seu trabalho isoladamente e se fecha em seu próprio mundo. Em outras situações, falta um projeto de vida comum, há muita dificuldade de trabalhar em comunidade. Em geral, os superiores maiores passam a maior parte do tempo resolvendo os problemas de comunidade. Eles agem como 'bombeiros', apagando o fogo. Estamos longe do sonho de um “saudável ecossistema comunitário e missionário”, proposto anos atrás pelo ex-Superior Geral Pe. R. Maloney!

Hoje, vivemos um momento de encruzilhadas e incertezas, marcado por mudanças intensas, rápidas e profundas, que tornam difícil e desafiadora a vida comunitária para a missão. A chamada cultura pós-moderna, por um lado, ajudou-nos a redescobrir o sentido dinâmico da vida (o sentido do provisório), o valor da corporeidade, a importância da diferença, a consciência da individualidade e o valor da pluralidade. Por outro lado, como diz Z. Bauman, criou-se uma “sociedade individualizada” e uma “cultura líquida”, onde instituições comunitárias e seus principais elementos constitutivos se diluíram, se tornaram líquidos.

Infelizmente, hoje há uma grande distância entre o ideal comunitário e a nossa prática concreta. Vários fatores que surgem das muitas mudanças socioculturais atuais afetam a vida em comunidade para a missão e colocam novas questões e desafios para a vida apostólica comunitária frutífera. Os tempos atuais favorecem muito a fragmentação das pessoas, o relativismo, o individualismo, o subjetivismo e a pouca coerência nas decisões, o esvaziamento e a instrumentalização das relações humanas, a redução funcionalista da vida comunitária... Diante da ambivalência e do relativismo modernos, frutos da sociedade individualizada e líquida, o sentido e a vivência evangélicos de missão em comunidade são enfraquecidos.

2. JULGAR - um discernimento lúcido

Somos chamados à missão vicentina “*como amigos que se querem bem*”; somos chamados a construir “nosso ser” “fazendo um serviço comunitário de evangelização dos pobres e formação de clérigos e leigos. No seguimento de Cristo, somos uma comunidade para a missão, continuamente chamada a testemunhar e atualizar o sentido comunitário do seu carisma vicentino

O Documento "*Vida Fraterna em Comunidade*" compreende e estimula a experiência da vida comunitária em três aspectos: como dom, como lugar de vida fraterna, como lugar e sujeito da missão - o Senhor, enviado pelo Pai e em comunhão com o Espírito, dá aos seus discípulos a graça de viver o amor trinitário; chama os discípulos a ser Igreja, a viver unidos no amor fraterno; convida-os a testemunhar e anunciar juntos o seu projeto de amor para todos. Estes três aspectos estão intimamente ligados e nascem do encontro e da relação íntima com Jesus.

O ideal comunitário constitui um elemento essencial do seguimento de Jesus. Não é apenas um meio operacional ou uma estratégia para realizar a ação evangelizadora. A comunidade dos crentes parte do amor trinitário de Deus e nele encontra os fundamentos e os elementos para a sua existência e desenvolvimento. A comunidade é missionária e a missão é comunitária. E o único sujeito histórico da missão é a comunidade eclesial que realiza esta missão única através da diversidade de carismas, ministérios e serviços que a mesma Trindade suscita na Igreja.

A vitalidade espiritual da vida comunitária para a missão ou a vitalidade espiritual da missão em comunidade exige um processo contínuo de confronto com Jesus e o Reino. Este confronto exige um processo de conversão, que permite aos seus discípulos missionários viver e testemunhar o amor misericordioso de Deus. A plenitude do mistério da comunhão com Deus e com os outros é o sentido, o caminho e a meta para superar a pequenez e os limites humanos e construir a vida em comunidade, para ser sinal e instrumento de serviço do Reino..

Neste processo de confronto com a prática de Jesus, dois perigos concretos que podem negar o sentido evangélico da comunidade para a missão:

- **Perigo de “comunitarismo”**, onde os interesses, estilos de vida e práticas da comunidade já estão determinados e estão acima de tudo. Não há espaço para diferenças e individualidades. Mais atenção é dada à criação de comunidades de sobrevivência, onde papéis e normas são mais importantes do que identidades pessoais. Qualquer mudança, novidade e afirmação da identidade das pessoas é vista como uma ameaça ao sistema. O comunitarismo nega o valor da liberdade, impede a criatividade, provoca conflitos e fortalece o autoritarismo. Este modelo comunitário nega a proposta de Jesus, que não anula as particularidades pessoais, nem fecha as pessoas aos apelos de Deus presentes nas diferentes realidades.

- **O perigo de criar comunidades de autorrealização**, onde só se destaca o indivíduo. A comunidade é entendida apenas como um espaço para que todos possam se realizar e alcançar a satisfação de suas necessidades, desejos e interesses pessoais. Os relacionamentos e as atividades são individualistas e buscam o bem pessoal. A pessoa do outro só é aceita e levada em conta quando corresponde às expectativas do indivíduo. As relações são de dominação e instrumentalização. Há, de fato, um processo de desumanização. Pior ainda é quando essas comunidades atingem o patamar de “comunidades fugitivas”, segundo a expressão de Bauman. Nessas comunidades, pessoas carentes e inseguras optam por um modo de vida fugitivo ou alienado. As pessoas buscam apoio, proteção e segurança na comunidade, mas sem criatividade ou compromisso. Sem a capacidade de amar livremente, a pessoa nega e manipula o outro, fecha-se em si mesma e desenvolve uma pastoral individualista, sem comunhão com os demais membros da comunidade. Este modelo de comunidade nega a proposta de Jesus, que pede uma abertura generosa à partilha e à colaboração no amor pelo outro.

O ser humano, para se realizar plenamente, precisa sair de si mesmo; sem a alteridade, a pessoa torna-se incapaz de viver de forma madura e consistente. Fechada em si mesma, a pessoa jamais poderá abraçar a caridade samaritana e será como o sacerdote e o levita que se distanciam de quem sofre e de quem precisa de sua presença e compaixão. A negação da alteridade e o subjetivismo individualista impedem o crescimento da vida comunitária, que se torna objeto de consumo, que é abandonada quando deixa de ser interessante e conveniente. Cultivar uma subjetividade aberta à alteridade, aberta ao diferente do outro, é o caminho para fortalecer e revitalizar de modo coerente a comunidade para a missão.

A comunidade desejada e proposta por Jesus é uma comunidade de discípulos missionários, fundada numa relação de amor e numa grande paixão por Jesus e pelo seu Reino.

São comunidades para o Reino, que têm como fundamento e referência essencial a própria pessoa de Jesus, sua prática e seus ensinamentos. Sua finalidade é o desejo de ser, como fraternidade, sinal do Reino de Deus. A comunidade para o Reino exige e favorece a transcendência e o compromisso. As relações entre seus membros devem ser de fraternidade, ajuda mútua e amizade sincera. É um espaço para a vivência plena das singularidades, permite que seus membros formem personalidades plenas e maduras, para se doarem livremente a Deus e aos irmãos.

Na comunidade de Jesus, o projeto é o Reino e a primazia é a pessoa. A comunidade é o espaço onde o ser humano, imagem e semelhança divina, pode crescer e realizar-se plenamente. No entanto, essa realização deve estar ligada à perspectiva vocacional, pois as pessoas que compõem a comunidade para o Reino sentem-se chamadas à mesma vocação a partir da fé em Jesus que as chama. Assim, nesta comunidade para o Reino há uma centralidade da missão. As pessoas que a compõem não vivem a vida fraterna por conveniência, mas para seguir Jesus Cristo no serviço evangelizador. Isso dá à comunidade cristã uma identidade teológica e a distingue de uma simples comunidade sociológica ou de um grupo operacional de trabalho.

3. AGIR - um compromisso renovado

Hoje, diante da realidade do nosso tempo, a Congregação da Missão é desafiada a construir comunidades autênticas e evangélicas para a missão, com renovado significado teológico e espiritual da comunidade para a missão. Com o Papa Francisco, dizemos: *“Não deixemos roubar o ideal do amor fraterno e da comunidade!”*

Aqui, alguns elementos fundamentais para animar um processo de formação e desenvolvimento espiritual da comunidade para a missão na Vida Consagrada Vicentina:

- A) O ser e o viver juntos e o agir em comunidade na vida consagrada **têm como fonte e modelo sobretudo a comunhão de amor de Deus**. A consagração significa deixar-se tocar por Deus, deixar-se possuir pela própria santidade de Deus. O consagrado é aquele que foi admitido na intimidade com Deus, deixando-se transformar interiormente e fazendo-se reserva para a missão. Assim, uma comunidade missionária de vida consagrada só é possível se as pessoas que a compõem forem marcadas por uma profunda experiência de Deus, uma experiência espiritual que é experiência de amor-doação, experiência de sedução, gratuidade e paixão por Deus e pelo seu Reino. A partir desta experiência espiritual, as pessoas consagradas são chamadas a construir o seu ser vivendo e agindo em comunidade no seguimento de Cristo.
→ Como, em nível pessoal e comunitário, vocês têm cultivado e aprofundado sua experiência de Deus, para que ela não fique estagnada e sem força para os desafios da vida e da missão?
- B) A comunidade **precisa ter e cultivar uma profunda espiritualidade missionária, com atitudes e práticas coerentes**. Por espiritualidade entendemos toda a ação do Espírito que move e dispõe o crente a viver e anunciar com entusiasmo a vida nova testemunhada por Cristo; é abraçar uma vida segundo o Espírito. Assim, só a espiritualidade, vivida com práticas e atitudes coerentes, pode dar à comunidade para a missão vivo ardor e sentido, alegria e força para se formar, para encontrar novos métodos e expressões para a missão evangelizadora. A espiritualidade gera e renova as motivações e ajuda a encontrar novas formas de ação missionária. Só com uma firme espiritualidade missionária se pode descobrir a beleza do Evangelho, a beleza de viver juntos como irmãos em missão. A espiritualidade missionária não permite à comunidade reduzir a Missão a um simples “fazer trabalho pastoral” ou “pregar missões”, mas abre aos missionários o grande horizonte da missão em vista do Reino. Vivendo e cultivando a espiritualidade, os membros da comunidade descobrem-se movidos pelo Espírito na diversidade das pessoas, descobrem-se construtores da unidade na diversidade, enquanto diferentes e complementares.
→ Pessoal e/ou comunitariamente, têm cuidado suficientemente da vida espiritual, de modo que ela impregne e renove todas as dimensões da vida da comunidade e de seus membros?
- C) A verdadeira espiritualidade comunitária e missionária **requer pessoas em contínuo processo de formação, conversão, amadurecimento humano e espiritual**. Colocar-se em processo de

amadurecimento é tomar consciência da sua própria realidade, das suas potencialidades e limites; é desenvolver dons, curar feridas pessoais, trabalhar em profundidade para integrar, para a doação e amor, as forças que atuam em nós (sentimentos, emoções, sexualidade); é identificar e trabalhar as incoerências pessoais, harmonizando necessidades, atitudes e valores; é valorizar e desenvolver o humano sem cair na lógica do eu fechado, dono da verdade e preso pela lógica do individualismo que nega o outro em prol dos próprios interesses; é encarar os limites pessoais e as dificuldades e desafios da vida como oportunidades de crescimento contínuo, que torna as pessoas mais humildes e altruístas, que assumem responsabilidades sem culpar os outros, a situação, a comunidade; é trabalhar as emoções de forma construtiva, abrir-se aos outros na gratuidade e no serviço, sempre com tolerância, empatia, resiliência... Percorrendo os caminhos da maturidade humana, a maturidade espiritual exige viver a partir do centro dinâmico da fé em Cristo. A maturidade na fé valoriza os traços humanos: torna as pessoas equilibradas e dispostas à causa evangelizadora; comprometidas com o bem da comunidade, conscientes de suas responsabilidades, perseverantes na oração, empenhadas na missão, atentas e generosas nas relações, abertas ao perdão e ao amor compassivo, confiantes em Deus, nos outros e em si mesmas... A maturidade espiritual empenha a pessoa a assumir as atitudes e os ensinamentos de Cristo, cujo amor é infinitamente inventivo... A formação ou amadurecimento humano e espiritual ao longo da vida pressupõe disponibilidade e docilidade para aprender. Trata-se de um caminho menos informativo e mais formativo, onde se experimente uma formação permanente e não uma frustração permanente, como nos lembra Cencini. Só assim a comunidade consagrada pode ser sinal profético, luminoso e fecundo no mundo.

→ Como você está trabalhando seu processo de amadurecimento pessoal e espiritual? Que possíveis fragilidades e inconsistências pessoais podem estar dificultando sua vida e trabalho em comunidade? Como assumirá-las e superará-las para uma vida missionária mais realizadora, alegre, fiel e fecunda?

- D) Dom do Espírito para se realizar na história e por pessoas concretas, a comunidade para a missão **precisa encarnar-se e inculturar-se, assumindo a realidade humana tal como ela é**. Não existe comunidade missionária, a priori, perfeita e sem conflitos. As comunidades são um projeto que se constrói com fé e trabalho; são lugares que reúnem diferentes pessoas, inseridas em diferentes realidades, centradas na missão e articuladas com os apelos da realidade pessoal e sociocultural onde se inserem, procurando viver realisticamente a fraternidade cristã, no compromisso solidário com as pessoas, no intercâmbio de dons, na relação de apoio, no diálogo sincero de participação e colaboração, na saudável tensão entre autorrealização e autotranscendência...

→ Como sua comunidade tem reagido diante de possíveis limites e dificuldades de seus membros? Há indiferença, silêncio, crítica maledicente ou ajuda fraterna e corresponsável?

- E) A comunidade para a missão, segundo a expressão de Cencini, **precisa ter “projetualidade”**. A comunidade para a missão precisa de projetos sérios e significativos que expressem verdadeiramente o sentido da vida e da missão comunitária. Na maioria das vezes, a comunidade vive na rotina, ou ainda, os projetos são mais pessoais, rotineiros, carregados de subjetividades, sem qualidade, sem poder de interpelar e renovar continuamente as comunidades. É necessário ter clareza sobre o projeto pastoral da comunidade e sua programação que suscitem o entusiasmo e o empenho de seus membros.

→ Sua comunidade vive na rotina e no improviso, ou tem um projeto ou planejamento que é fundado na fé, levado a sério e que contempla a convivência, a vida de oração, o trabalho, a administração dos bens?

- F) **É preciso promover a “cultura do cuidado” na vida comunitária e missionária** para torná-la espiritualmente mais fraterna, fecunda e feliz. Certamente, tudo encontraria mais dinamismo missionário se houvesse mais empatia, amizade e cuidado nas relações e trabalhos comunitários. No atual momento histórico de fragilidade e angústia, de grandes desafios para viver e proclamar a fé, com pessoas expostas a elevados riscos de doença emocional e situações de cansaço, crise e insegurança pessoal, é urgente cuidar de si, dos outros e da comunidade e

não se deixar levar pela lógica da instrumentalização, do descarte e da indiferença. L. Boff diz que “o cuidado é uma atitude de relacionamento amoroso, gentil, amigável, harmonioso e protetor com a realidade pessoal, social e ambiental”. Trata-se de desenvolver um compromisso compassivo de cuidado coletivo e solidário, que coloca no centro a dignidade humana, o bem comum e a alegria do serviço missionário em comunidade. Promover o cuidado, em todas as dimensões da vida e em todos os âmbitos da vida missionária é colaborar com Deus no esforço de construir pessoas e comunidades novas, mais fraternas, proféticas e apostólicas. Se guiadas pela liberdade no amor, na ternura e no cuidado recíproco, nossas relações fraternas e pastorais, certamente, se transformarão em experiências profundamente significativas e realizadoras de fraternidade e fecundidade pastoral.

→ Como tem sido sua atitude de cuidado com as pessoas, especialmente com os pobres e com os coirmãos de sua comunidade?

G) **Aprender e viver a sinodalidade comunitária.** O Papa Francisco está encorajando toda a Igreja e, em particular, a vida consagrada a fazer um caminho sinodal de viver um presente significativo com perspectivas de um futuro mais profético e evangélico. Viver a sinodalidade em caminho comunitário significa: entrar em uma dinâmica de diálogo e escuta: escutar a Palavra, escutar os sinais dos tempos, escutar os outros, escutar os pobres, escutar o Espírito Santo, para discernir a vontade de Deus neste difícil momento histórico; significa desenvolver uma relação dialógica, sem arrogância e prepotência, e trilhar o mesmo caminho, comprometidos com projetos pastorais comuns, juntos na mesma direção com Jesus, ao encontro dos pobres caídos e abandonados no caminho; significa entrar em relação, escutar, dialogar, discernir, curar e evangelizar. A sinodalidade nos permite, juntos, viver uma vida consagrada com maior qualidade humana, espiritual e pastoral, deixando-nos levar pelas novidades do Espírito, dando um novo sentido ao mistério da opção por Cristo e trabalhando melhor para curar as feridas pessoais e da humanidade.

→ Pessoal e comunitariamente, que atitudes e compromissos desenvolver para imprimir em sua vida e comunidade uma dinâmica sinodal?

Rezemos a partir dos apelos do Papa Francisco:

➤ “Viver o encontro com Jesus é o remédio também contra a paralisia da normalidade, abrindo-se ao rebuliço diário da graça. Deixar-se encontrar por Jesus, fazer encontrar Jesus: é o segredo para manter viva a chama da vida espiritual. É o modo para não ser absorvido numa vida asfíxiadora, onde prevalecem as queixas, a amargura e as inevitáveis decepções”.

R. Senhor, ajudai-nos a viver como irmãos unidos em comunidade, com alegria, fidelidade e fecundidade.

➤ “Abramos os olhos: através das crises, dos números que faltam, das forças que esmorecem, o Espírito convida-nos a renovar a nossa vida e as nossas comunidades.”

R. Senhor, ajudai-nos a viver como irmãos unidos em comunidade, com alegria, fidelidade e fecundidade.

➤ “E quando os braços de um consagrado, de uma consagrada não estreitam Jesus, estreitam o vazio, que buscam preencher com outras coisas: mas há o vazio. Estreitar Jesus com os nossos braços: este é o sinal, este é o caminho, esta é a receita da renovação. Abramos os braços, a Cristo e aos irmãos!”

R. Senhor, ajudai-nos a viver como irmãos unidos em comunidade, com alegria, fidelidade e fecundidade.

➤ “Rezemos por nossas comunidades cristãs para que as sementes do ciúme, da inveja, da divisão, da fofoca não sejam semeadas entre nós; que estes males não penetrem em nossos corações e possamos ir avante, louvando o Senhor, com alegria. É uma graça muito grande, a graça de não cair na tristeza, no ressentimento, nos ciúmes e na inveja”.

R. Senhor, ajudai-nos a viver como irmãos unidos em comunidade, com alegria, fidelidade e fecundidade.

➤ “A proposta é caminhar lado a lado, “fratelli tutti”, para ser concretamente artesãos de paz e de justiça, na harmonia das diferenças e no respeito da identidade de cada um. Irmãs e irmãos, avante juntos neste caminho da fraternidade!”

R. Senhor, ajudai-nos a viver como irmãos unidos em comunidade, com alegria, fidelidade e fecundidade.

➤ Espero que possamos, em nome de Deus que nos criou todos iguais em direitos, deveres e dignidade, e que nos chamou a viver juntos como irmãos e irmãs, promover esta fraternidade para enfrentarmos juntos os desafios do mundo e da nossa Casa Comum.”

R. Senhor, ajudai-nos a viver como irmãos unidos em comunidade, com alegria, fidelidade e fecundidade.